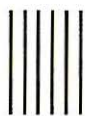
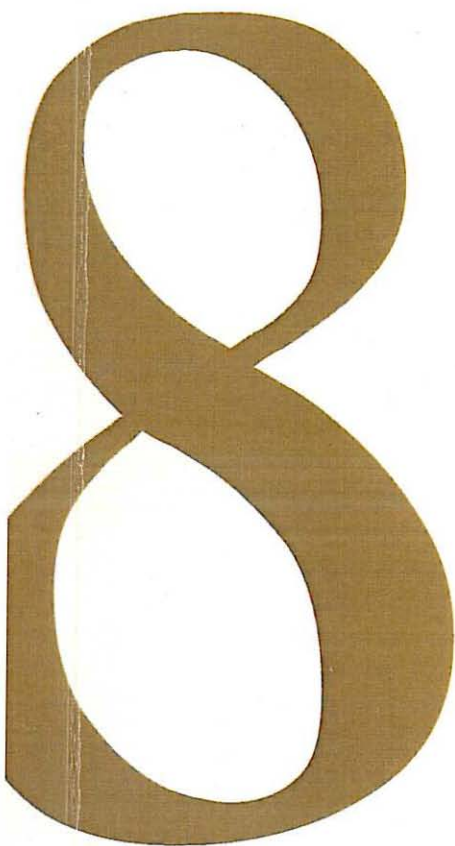


Egitania

s c i e n c i a



número 8

2 0 1 1

Título
Egitânia Sciencia

Coordenador Editorial: Maria Manuela dos Santos Natário

Director: Fernando A. Sá Neves dos Santos

Conselho Editorial: Jorge M. Monteiro Mendes, Fernando A.S. Neves Santos, Helder L. Rebelo Sequeira, Manuel A. Carvalho Prata, Constantino Mendes Rei (Instituto Politécnico da Guarda-IPG).

Comissão Científica Interna e Externa: disponível na página da revista (<http://www.ipg.pt/revistaipg/>).

Revisão Técnica: Ana Nossa Oliveira (IHDCC-UC); Ana Jorge (ESS-IPG); António João Santos Nunes (FCSH-UBI); Carlos Francisco Sousa Reis (ESSE-IPG); Elisabete Fernanda Mendes Duarte (ESTG-IPL); Fernanda Trindade Lopes (ESS-IPG); João Figueiredo (HSTV); José Augusto Alves – (ESDRM-IPS); José Luis Abrantes (ISPV); Luís Miguel Oliveira Barros Cardoso (ESE-IPP); Maria Helena Lopes Damião da Silva (UC); Marici Cristine Gramacho Sakata (USP); Manuela Maria da Conceição Ferreira (ESS-ISPV); Paulo Alexandre de Oliveira Duarte (FCSH-UBI); Pedro Melo Rodrigues (ESTG-IPG); Teresa Maria Dias Paiva (ESTG-IPG);

Revisão de provas: Carlos Reinas Caldeira, Guadalupe Arias Mendez, Sílvia Alexandra Lopes dos Reis.

Propriedade: Instituto Politécnico da Guarda, Av. Dr. Francisco Sá Carneiro n° 50 * 6300-559 Guarda
Contactos: Telf. 271 220 111 * Fax 271 222 690, Email: gic@ipg.pt; egitanasciencia@ipg.pt;

Endereço Web: <http://www.ipg.pt/revistaipg/>

Composição gráfica
M Comunicação

Impressão e Acabamentos: Daniel Ferreira e Francisco Leite

Depósito Legal: n° 260795/07
ISSN: 1646-8848

Vol. VIII, Maio de 2011
Periodicidade: Semestral

Tiragem: 1 000 exemplares

Assinatura: Portugal 20€, Europa 30€, Resto do Mundo 50€
Preço Capa: 20€

Proibida a reprodução total ou parcial desta Revista sem autorização expressa da Direcção de "Egitania Sciencia". Todos os direitos reservados. Forbidden the total or partial reproduction of this Magazine without express authorization of the Direction Board of "Egitania Sciencia". All rights reserved.

Apoio a este número:

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Unidade de Investigação para o Desenvolvimento do Interior (UDI/IPG)

Nota: Os artigos são da responsabilidade dos autores, não reflectindo necessariamente os pontos de vista da direcção ou dos revisores.

O presente livro foi elaborado seguindo as normas do novo Acordo Ortográfico.

ÍNDICE

- [7] THE COMPETENCIES OF LEADERSHIP OF SENIOR STUDENTS IN MADEIRA ISLAND (PORTUGAL)
António V. Bento e Isabel Ribeiro
- [23] IMPORTÂNCIA DA AMAMENTAÇÃO MATERNA NA INCLUSÃO DOS TERCEIROS MOLARES NUMA POPULAÇÃO JOVEM PORTUGUESA
Luís Couraceiro, António Santos, Ana F. Vinha, Filomena Salazar, António Almeida-Dias, Cristina Manzanaras
- [39] LIMITES E POSSIBILIDADES DA ECONOMIA AMBIENTAL
Alda Maria Vieira Matos Gonçalves, António José Gonçalves Fernandes, Maria Isabel Barreiro Ribeiro, Paula Sofia Alves do Cabo
- [61] VISUALIZAÇÃO MENTAL NO ENSINO E NA APRENDIZAGEM DE CIÊNCIAS: CONTRIBUTOS DA PSICOLOGIA DO DESPORTO
Teresa de Jesus Fonseca, Jorge Fonseca e Trindade
- [79] RELACIÓN ENTRE ÉTICA EN LA VENTA Y SATISFACCIÓN DEL CLIENTE
María Ángeles Revilla Camacho, Antonio Navarro García
- [111] GLOBAL WARMING EFFECT ON WORLD WATER CYCLE AND SUITABILITY (REVIEW)
Sukru Dursun, Hysen Mankolli
- [133] UMA ESCOLA INCLUSIVA EM VILA DAS AVES – PORTUGAL
Andréa Villela Mafra da Silva
- [147] A CONCEÇÃO UNIVERSALIZANTE DE CULTURA EM BENTO DE JESUS CARAÇA
Alda Domingos
- [165] A MOTIVAÇÃO DOS ESTUDANTES E O DESEMPENHO PEDAGÓGICO DOS DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR
Maria José D. Martins
- [175] MATERIAIS MAGNÉTICOS PERMANENTES
Ângela P Ferreira, Artur F. Costa
- [199] PREVALÊNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO NA REGIÃO DE BRAGANÇA A PERSPETIVA DO CONSUMIDOR E DO FARMACÊUTICO
Dayana Martins, Sara Couto, Maria Ribeiro, António Fernandes

PREVALÊNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO NA REGIÃO DE BRAGANÇA: A PERSPECTIVA DO CONSUMIDOR E DO FARMACÊUTICO

CONSUMER AND PHARMACIST PERSPECTIVE ABOUT SELF-MEDICATION PREVALENCE IN BRAGANÇA REGION

PREVALENCIA DE LA AUTOMEDICACIÓN EN LA REGIÓN DE BRAGANÇA: LA PERSPECTIVA DEL CONSUMIDOR Y DEL FARMACEÚTICO

Dayana Barina Simões Martins*

Sara Margarida Pereira do Couto*

Maria Isabel Barreiro Ribeiro (xilote@ipb.pt) **

António José Gonçalves Fernandes ***

RESUMO

Analisar a prevalência da automedicação na população de Bragança e identificar os factores associados a este fenómeno são os principais objectivos desta investigação. Para estudar esta problemática foi feita uma amostragem aleatória simples considerando um nível de confiança de 95% e um erro amostral estimado em 2,5%. Dos 400 participantes neste estudo, a maioria é do género feminino, tem em média 34 anos de idade, reside na cidade e possui habilitações literárias ao nível do 12^o ano. Igualmente, a maioria dos farmacêuticos é do género feminino e tem, em média, 33 anos de idade. Verificou-se que a taxa de prevalência da automedicação é de 91,3% e provou-se existirem diferenças estatisticamente significativas entre os géneros na prática deste fenómeno no que diz respeito ao alívio de cólicas e dores musculares. Por outro lado, o recurso à automedicação para o alívio do nervosismo e a duração desta prática é também estatisticamente diferente entre classes etárias. As situações em que o utente recorre à automedicação com maior frequência são, designadamente, gripe/constipação, cefaleia e febre. Os medicamentos mais consumidos em situações de automedicação são os analgésicos/antipiréticos e os anti-inflamatórios.

Palavras-Chave: automedicação; prevalência; utente; farmacêutico; Bragança.

ABSTRACT

To analyze the prevalence of self-medication in Bragança's population and to identify the factors associated with this phenomenon are the main objectives of this investigation. To carry out this study a simple random sample was collected considering a 95% confidence level and a 2,5% sampling error. The consumer's self-medication prevalence rate is about 91,3%. Most consumers are female (62%); are, in average, 34 years old, live in Bragança city (51,8%); and, have completed the secondary school (34,3%). The same way, most pharmacists are female (71,1%) and are, in average, 33 years old. The results revealed that, in the self-medication practice, there are statistically significant differences among genders for colic's and muscular pains relief. There are statistically significant differences between ages for the anxiety symptom relief and self-medication period. Consumer's self-medication occurs when they have flu or common cold (45,4%), headache (38,8%) and fever (38,0%). In the pharmacist's perspective, consumers are self-medicated, essentially, when they have flu (86,8%), headache (81,6%) and sore throat (71,1%). The most used medicines in self-medication are Analgesic/Antipyretic (84,8%) and the Anti-inflammatory (64,8%).

Keywords: Self-medication; prevalence; consumer; pharmacist; Bragança.

RESUMEN

Analizar el predominio de la automedicación de la población de Bragança e identificar los factores asociados a este fenómeno son los principales objetivos de esta investigación. Para estudiar este problema se ha recogido una muestra aleatoria simple considerado un nivel de confianza de 95% y un error estimado de 2,5%. La prevalencia de la automedicación es de 91,3%. La mayoría de los consumidores pertenece al género femenino (62%); tiene, en media, 34 años, vive en la ciudad de Bragança (51,8%); y, ha completado la preparatoria (34,3%). De igual modo, la mayoría de los farmacéuticos pertenece al género femenino (71,1%) y tiene, en media, 33 años. Los resultados han revelado que, en la práctica de la automedicación, hay diferencias estadísticamente significativas entre los dos géneros para el alivio de cólicas y dolores musculares. Por otro lado, se verificó la existencia de diferencias estadísticamente significativas entre edades para el alivio del síntoma de ansiedad y para la duración del período de la automedicación. El consumidor recurre a la automedicación cuando tiene gripe/catarro (45,4%), cefalea (38,8%) y fiebre (38,0%). Las medicinas usada en la automedicación son los analgésicos/antipiréticos (84,8%) y los antiinflamatorios (64,8%).

Palabras-clave: Automedicación; Prevalencia; Consumidor; Farmacéutico; Bragança.

* Técnica Superior de Farmácia

** Professora Adjunta do Instituto Politécnico de Bragança e Membro Efectivo do Centro de Investigação de Montanha

*** Professor Adjunto do Instituto Politécnico de Bragança e Membro Efectivo do Centro de Investigação de Montanha

Submission: 20 July 2010

Acceptation: 10 February 2011

1. INTRODUÇÃO

A prestação de cuidados de saúde tem sido considerada, segundo Soares (2005), um privilégio dos profissionais de saúde e só, raramente, são tomadas em consideração as acções desenvolvidas pelos indivíduos, famílias e comunidade, visando a promoção ou restabelecimento da sua saúde. No entanto, é do conhecimento geral que apenas uma parte dos cuidados de saúde é prestada pelos mais variados profissionais de saúde como é o caso de médicos, farmacêuticos, enfermeiros, entre outros, sendo a maioria destes cuidados dispensada pelo próprio doente ou pelos familiares e amigos.

De acordo com Peixoto (2008), a procura de cuidados alternativos ou complementares, desde a automedicação à homeopatia, desde o naturismo à acupunctura, reflecte o interesse do indivíduo por ele próprio, permitindo-lhe contribuir para a resolução dos seus problemas de saúde.

A automedicação desempenha um papel importante em qualquer Sistema de Cuidados de Saúde, sendo uma das formas adoptadas pela população para resolver pequenos problemas de saúde. Esta questão que tem sido encarada com indiferença ou consentimento, chega a níveis preocupantes de risco da Saúde Pública que urge confrontar e não adiar.

Apesar de muitos discursos e iniciativas neste âmbito ao longo das últimas décadas, na realidade mantêm-se níveis elevados de automedicação. Tendo em conta a quantidade de medicamentos que são consumidos, pode constatar-se que, na sociedade actual, o medicamento assumiu uma presença clara e constante nas vidas das pessoas, nunca antes imaginada. Numa perspectiva futura, a Farmacologia vai ao encontro de desenvolvimentos cada vez maiores que trarão com certeza novas questões.

Dada a importância do tema, esta investigação tem como objectivo analisar a prevalência da automedicação, na perspectiva quer do utente quer do farmacêutico. Para além disso, pretende-se verificar se a prática da automedicação é estatisticamente diferente quando factores pessoais, demográficos e sociais são tidos em consideração. Desta forma, pretende-se contribuir para um melhor conhecimento sobre o consumo de medicamentos sem prescrição. Ou seja, pretende-se conhecer o fenómeno da automedicação na região de Bragança, Portugal.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

De acordo com a WHO (1998), a automedicação define-se como a selecção e o uso de medicamentos por pessoas para tratar doenças auto-diagnosticadas ou sintomas e deve ser entendida como um dos elementos do auto-cuidado. É um fenómeno que existe desde há muito, no entanto, tem-se acentuado nas últimas décadas. A sua expressão actual está estimada em 30% da totalidade dos medicamentos consumidos.

Por um lado, a automedicação está destinada a permitir aos doentes uma resolução das suas queixas ligeiras, com tratamento de decisão própria, sem recurso à consulta médica, assumindo a responsabilidade do tratamento. Segundo Damasceno *et al.* (2007), através da automedicação, os pacientes são capazes de gerir a sua saúde com a possibilidade de seleccionar e comprar os medicamentos por sua iniciativa.

Por outro lado, segundo Arrais *et al.* (1997), quando inadequada, a automedicação pode ter como consequências efeitos indesejáveis ou o surgimento de enfermidades iatrogénicas, representando, portanto, um problema a ser prevenido. Embora, segundo Haak (1989), o uso irracional de medicamentos ocorra em grande escala, a automedicação não pode ser vista simplesmente como actividade ilegal se for considerada a situação económica da população do interior do país. Por isso, uma racionalização do uso de medicamentos deveria também ser, necessariamente, discutida pelos próprios consumidores.

Ferráz *et al.* (2008) exploraram o problema da automedicação numa amostra da população urbana de Juiz de Fora e concluíram que 66,2% dos entrevistados se automedicaram no último ano. Destes, 45% têm ensino obrigatório completo e 19% o superior completo. É de salientar que não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre géneros e faixas etárias. O grupo farmacológico, predominantemente, consumido foi dos Analgésicos e o sintoma mais citado que levou à automedicação foi a dor geral. Concluíram, ainda, que a relativa facilidade de obtenção de medicamentos nas farmácias deve ser analisada pelos órgãos competentes com vista a campanhas de esclarecimento e de favorecimento ao acesso à consulta.

Um outro estudo realizado por Peixoto (2008) numa aldeia do concelho de Barcelos, a uma amostra de 73 indivíduos entre os 18 e

os 65 e que teve como objectivos identificar os factores que levavam os indivíduos a recorrer à automedicação, verificar se a pratica da automedicação era feita de forma segura e, ainda, se os utentes mostravam iniciativa no sentido de procurar informação em relação aos riscos que esta prática envolve. Após a análise dos resultados, concluíram que a maior parte dos indivíduos ingere medicamentos por automedicação (86,3%); a principal causa que levava os indivíduos a recorrer à automedicação relaciona-se com sintomas considerados menores, como a gripe, constipação ou tosse (27%). Verificaram, ainda, que os inquiridos recorreram à automedicação sem procurar informações ou esclarecimentos sobre o medicamento que ingeriram (63,5%) e que 54% dos inquiridos que se automedicavam padeciam de doença crónica e já se encontravam a tomar, diariamente, medicamentos prescritos. Por fim, constataram que cerca de 90% dos indivíduos desconhecia os riscos que a automedicação poderia arrastar.

Analisando os resultados de um estudo observacional, transversal e descritivo, realizado na cidade de Porto Alegre por Vitor *et al.* (2008), nos meses de Janeiro e Fevereiro de 2007, numa amostra de 742 pessoas, de ambos os géneros, com idades entre os 18 e 70 anos no qual se investigou o padrão de consumo de medicamentos sem prescrição médica, foi possível chegar à conclusão de que houve um predomínio (57,5%) de mulheres na amostra estudada. Em relação à influência dos meios de comunicação para optar por um fármaco, a maioria (76,3%) considerou não ser influenciada por tais meios. No que diz respeito ao número de consultas médicas nos últimos doze meses, verificou-se que a maioria (26,8%) fez duas consultas. Estes resultados confirmam a importância do estudo da automedicação e apoiam a hipótese defendida por Vitor *et al.* (2008) da ingénua e excessiva crença da sociedade actual no poder dos medicamentos.

Outro estudo, realizado pela Escola Superior de Saúde de Viseu em Fevereiro por Oliveira *et al.* (2008), sustenta que a maioria dos estudantes universitários recorre à automedicação para alcançar um bom rendimento face ao esforço intelectual que lhes é exigido e ao desgaste da sua activa vida nocturna. Esta pesquisa abrangeu 1004 estudantes universitários, com uma idade média de 19 anos, de várias áreas, designadamente, ciências da saúde, gestão e línguas. A automedicação foi identificada na maioria (52,4%) dos inquiridos. Este fenómeno era mais frequente nas mulheres (53%), nos residentes em áreas rurais (57%) e nos estudantes mais velhos (58%) na faixa etária entre os 25 e 29 anos. Quanto à área de estudo, verificou-se que são

os estudantes de Enfermagem que apresentam maior incidência (64%) de consumo de fármacos por iniciativa própria. Relativamente ao tipo de medicamentos, os mais consumidos foram os Analgésicos (31%); Hormonais, incluindo a pílula contraceptiva, quando tomada sem orientação médica (15%); e, Anti-inflamatórios contra as doenças reumáticas (14%). A maioria dos inquiridos (56%) garantiu que tinha conhecimento teórico suficiente para tomar estes medicamentos, enquanto 21% dos inquiridos seguiram o conselho de um familiar ou amigo e 15% orientaram-se pelo farmacêutico. As conclusões são surpreendentes porque, segundo Oliveira *et al.* (2008), a população estudada era jovem e, à partida, saudável.

Ribeiro *et al.* (2010) realizaram um estudo para determinar a prevalência da automedicação nos alunos que frequentavam o ensino superior público no Distrito de Bragança em Novembro de 2008. Para isso, usaram uma amostra constituída por 225 indivíduos, tendo concluído que a taxa de prevalência da automedicação era de 90,7% e que destes apenas 57,4% tinham conhecimentos sobre os efeitos adversos dos medicamentos. As principais razões que levaram à automedicação foram as dores em geral, principalmente, a cefaleia, a febre, as tonturas e a insónia. Os medicamentos mais utilizados foram o Paracetamol e o Ibuprofeno.

Loyola-Filho *et al.* (2002) levaram a cabo um estudo na cidade de Bambuí, com cerca de 15.000 habitantes, para determinar a prevalência e os factores associados ao uso da automedicação. Do total de participantes, 419 (54,0%) relataram ter consumido, exclusivamente, medicamentos prescritos por médicos nos últimos 90 dias, 133 (17,2%) consumiram medicamentos prescritos e não prescritos e 223 (28,8%) consumiram, exclusivamente, medicamentos não prescritos. Após a análise dos resultados, os investigadores verificaram que as variáveis associadas ao uso exclusivo de automedicação foram, no género feminino, a idade, os residentes no domicílio, o número de consultas médicas nos últimos 12 meses, a consulta a um farmacêutico nos últimos 12 meses e o relato de gastos com medicamentos nesse período. Os resultados mostraram que a prevalência da automedicação é semelhante à observada em países desenvolvidos, sugerindo que esta prática poderia actuar como um substituto da atenção formal à saúde.

Em Portugal, Mendes *et al.* (2002) realizaram um estudo transversal, que teve como objectivo principal determinar a prevalência da automedicação em meio urbano. Este estudo decorreu nas cidades

de Lisboa e Porto, respectivamente, em 11 e 15 farmácias, no período de Novembro de 1995 a Setembro de 1996. A prevalência da automedicação encontrada foi de 26,2%. A prática deste fenómeno era diferente quando se tinha em conta as variáveis género, idade, nível educacional e actividade profissional. Em 50% dos casos, os inquiridos que adquiriram medicamentos em automedicação fizeram-no sob aconselhamento do farmacêutico. Os grupos terapêuticos mais utilizados em automedicação foram as preparações nasais e sistémicas para a constipação e tosse (23,0%) e os Analgésicos (13,6%). Analisando cada um dos grupos terapêuticos, individualmente, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas relativamente ao perfil do utilizador por género e grupo etário.

Arais *et al.* (1997), efectuaram um estudo na América Latina tendo como finalidade traçar o perfil da automedicação através da análise da procura de medicamentos em farmácias sem prescrição médica ou aconselhamento do farmacêutico. Os medicamentos mais solicitados foram Analgésicos (17,3%), descongestionantes nasais (7,0%), anti-inflamatório/antireumático e anti-infecciosos de uso sistémico, ambos com 5,6%. Estes resultados sugerem que, no Brasil, a automedicação reflecte as carências e os hábitos da população que é, consideravelmente, influenciada pela prescrição médica e tem a sua qualidade prejudicada pela baixa selectividade do mercado farmacêutico.

Na opinião de Júnior *et al.* (2007) é impossível travar a prática da automedicação. Assim sendo, é necessário que a sociedade se adapte, recebendo informação científica sobre os medicamentos de venda livre, sem estímulo ao consumo desenfreado ou ao mito da cura milagrosa. Simultaneamente, deve ser incentivada a procura do profissional médico, destacando os pontos positivos que uma consulta médica pode ter quando comparada com a automedicação.

3. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

A automedicação é, actualmente, um fenómeno em crescimento e que pode conduzir o doente à responsabilização pela melhoria da sua saúde, embora acarretando por vezes algumas condicionantes que podem conduzir a problemas de saúde. O problema reside quando os doentes generalizam as situações e pensam ter os conhecimentos suficientes para a realização da automedicação de forma segura. Dada a importância do tema,

considerou-se oportuno realizar esta investigação para averiguar se a população do concelho de Bragança recorre, efectivamente, a este método.

Para a realização deste estudo adoptou-se uma metodologia de investigação descritiva, transversal e não experimental, no qual foi utilizada uma metodologia quantitativa. Tratou-se de um estudo de natureza exploratória centrado na descrição do crescente problema da automedicação na população de Bragança, segundo a perspectiva do utente e do farmacêutico, no qual se propôs determinar a prevalência da automedicação e identificar os factores associados a este fenómeno.

A população estudada é constituída pelos habitantes do concelho de Bragança que, segundo dados do INE (2008), em 2007, totalizava os 33751 habitantes e pelos farmacêuticos que laboram nas sete farmácias do concelho (Bem-Saúde, Vale D'Álvaro, Mariano, Margarida Machado, Atlântico, Confiança, Soeiro,) e em duas parafarmácias (FarmaBragança e Pharmacon) existentes na cidade de Bragança. O período de recolha dos dados decorreu nos meses de Janeiro a Março de 2009.

Para a realização deste estudo foi feita uma amostragem aleatória simples pois cada elemento da amostra é retirado, aleatoriamente, a partir da população. Efectivamente, trata-se de uma amostragem probabilística, pois esta reúne todas as técnicas que usam mecanismos aleatórios na selecção dos elementos da amostra. A principal vantagem da amostra probabilística consiste em poder medir o erro amostral que neste estudo foi estimado em 2,5% e, conseqüentemente, a precisão da amostra obtida baseando-se nos resultados contidos na própria amostra. Deste modo, pode concluir-se que a amostragem probabilística é a que mais se adapta ao estudo uma vez que permite obter amostras aleatórias representativas da população a estudar.

A dimensão da amostra foi calculada, tendo em consideração, designadamente, o universo da população residente no concelho de Bragança. Por essa razão, a amostra global englobava 400 utentes e 34 farmacêuticos da cidade. Para comparar duas amostras, quando as variáveis eram ordinais ou superiores, foi utilizado o teste de *Mann-Whitney* para um nível de confiança de 95%. Trata-se de um teste não paramétrico que foi utilizado em alternativa ao *Teste T-Student para amostras independentes*. Efectivamente, este teste paramétrico exige que determinada condição seja satisfeita, designadamente, a

normalidade dos dados que foi verificada com recurso ao *Teste de Kolmogorov-Smirnov com a correcção de Lilliefors*. A não verificação da normalidade dos dados conduziu, como foi referido, à utilização da alternativa não paramétrica que, nesta situação, acaba por ser mais potente permitindo, por isso, a obtenção de resultados mais fidedignos.

Para proceder à recolha dos dados, foram utilizados dois questionários de auto-preenchimento voluntário, confidencial e anónimo. A escolha desta técnica justifica-se por apresentar algumas vantagens e por ser a mais adequada tendo em conta a população seleccionada. Dado o grande número de pessoas interrogadas e o posterior tratamento das informações foram valorizadas as perguntas fechadas.

Os questionários foram estruturados em duas partes. A primeira foi constituída por perguntas que permitiam caracterizar a amostra a nível pessoal, geográfico e social, nomeadamente, género, idade, residência e habilitações literárias. A segunda parte estava relacionada com a temática da automedicação e incluía, para além de outras, uma questão acerca da frequência (nunca, raramente, algumas vezes, frequentemente) com que a automedicação era usada pelos utentes para tratar sintomas como a cefaleia, as dores musculares, a febre, a dor de garganta, a gripe/constipação, as cólicas/dismenorreia, o mal-estar, as alergias, as insónias, o nervosismo, as lesões da pele e as lesões orais. Posteriormente, calculou-se a média ponderada de forma a perceber quais eram os sintomas que mais obrigavam o utente a recorrer à Automedicação.

Os dados recolhidos foram, posteriormente, introduzidos no SPSS 16.0 (*Statistical Package for Social Sciences*) pelo facto de ter uma grande capacidade de armazenar dados e possuir uma grande variedade de testes para concretizar os objectivos definidos nesta investigação. Recorreu-se à estatística descritiva para caracterizar a amostra e à aplicação de testes estatísticos adequados para verificar se existiam diferenças estatisticamente significativas entre as amostras.

4. RESULTADOS

Nesta secção, apresentam-se, em primeiro lugar, os resultados relativos à amostra de utentes das farmácias de Bragança para, de seguida, se proceder à apresentação dos resultados na perspectiva dos farmacêuticos.

Os resultados apresentados na figura 1 mostram que a maioria dos inquiridos eram do género feminino (62%), residiam na cidade (51,8%) (Figura 2), tinham em média 34 anos e possuíam o 12º ano como habilitações literárias (34,3%). É de salientar que se trata de um perfil similar ao encontrado por Ferraz *et al.* (2006) num estudo realizado no Estado de Minas Gerais no Brasil.

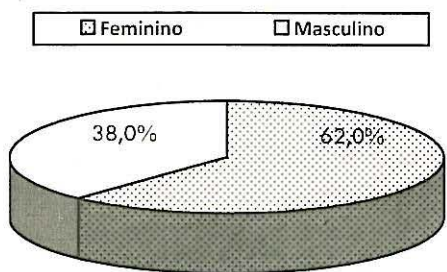


Figura 1 - Distribuição dos consumidores por género

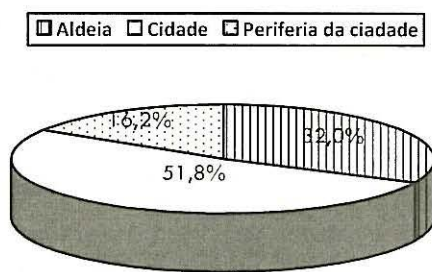


Figura 2 - Distribuição dos utentes por área de residência

Verificou-se que a classe etária dos 15 a 52 anos era a mais representativa (85,5%) o que corrobora os resultados de um estudo realizado no Brasil por Arrais *et al.* (1997). Neste estudo houve preponderância de indivíduos do género feminino com idades compreendidas entre 16 e 45 anos.

Os resultados permitem constatar que 391 pessoas (97,7%) já ouviram falar do termo “automedicação” e que apenas 9 pessoas (2,3%) não ouviram falar desta palavra.

A análise das respostas à questão “Já alguma vez se auto-medidou?” permitiu verificar que 365 pessoas responderam afirmativamente o que corresponde a 91,3% do total de inquiridos. Resultados semelhantes foram encontrados num estudo elaborado por Ribeiro *et al.* (2010) no qual foi estudada a população estudantil do Instituto Politécnico de Bragança tendo-se registado uma taxa de prevalência de 90,7%. É, ainda, de salientar que a taxa de prevalência da automedicação calculada nesta investigação é mais elevada do que a registada por Peixoto (2008) num estudo efectuado em Barcelos, Portugal no qual a taxa era de 86,3%.

Grande parte das pessoas (285) que assumiram ter recorrido à automedicação, referiram que o medicamento é para consumo próprio (71,3%); 2,8% dos inquiridos (11) afirmaram que o medicamento seria usado por outro membro da família; 16,5% dos inquiridos (66) afirmaram que o medicamento era para consumo próprio e para ser

usado por outro membro da família; e, por último, 1% dos inquiridos (4) responderam que o medicamento era para outra pessoa.

As fontes de informação sobre automedicação, que os utentes consideraram ser mais credíveis foram, em primeiro lugar, o "farmacêutico" com 59,8%; de seguida, os "folhetos informativos" com 52,5%; em terceiro lugar, a "conversa com um amigo/familiar" com 16,75%; em quarto lugar, os "jornais e revistas" com 10,5%; em quinto lugar, a "internet" com 8,25%, e, finalmente, a "televisão e a rádio" com 4%.

Cerca de 40% dos inquiridos responderam que a publicidade tem "pouca" influência no que diz respeito à tomada de decisão acerca da Automedicação. Apenas 4,6% dos inquiridos referiram que a publicidade teve "bastante" influência sobre a decisão de se automedicar ou não.

Ao analisar os resultados que constam da tabela 1 verifica-se que, segundo os inquiridos, a "cefaleia" (2,79), é o sintoma que regista a média ponderada mais elevada sendo, por isso, o principal responsável pela automedicação dos utentes. De seguida, surge a "gripe/constipação" (2,65) e a "febre" (2,52). Menos frequente é a prática da automedicação para o "alívio das insónias" (1,38) e das "lesões orais" (1,34) por parte dos utentes. Resultados similares foram encontrados por Ribeiro *et al.* (2010). De facto, estes investigadores concluíram que a cefaleia, a febre e as tonturas foram os principais motivos que levaram à automedicação.

Tabela 1 – Importância dos sintomas que levam o utente a recorrer à Automedicação

Sintoma	Média ponderada	Ordem
Cefaleia	2,79	1º
Dores Musculares	2,10	5º
Febre	2,52	3º
Dor de Garganta	2,48	4º
Gripe/Constipação	2,65	2º
Cólicas/Dismenorreia	1,93	6º
Mal-estar	1,64	7º
Alergias	1,45	9º
Insónias	1,38	11º
Nervosismo	1,44	10º
Lesões da pele	1,47	8º
Lesões Orais	1,34	12º

Os resultados permitiram verificar que a automedicação ocorreu, em primeiro lugar, por "iniciativa própria" (57,3%); em segundo lugar, pela "dificuldade no acesso ao médico" (16,5%); em terceiro lugar, devido à "falta de tempo" (16,3%); em quarto lugar, por "aconselhamento de amigos, parentes e outros" (14,0%); em quinto lugar, devido à "insatisfação em relação à prática médica" e à "diminuição dos custos", ambos com 4,0%; e, em último lugar, devido à "publicidade" (2,8%).

Constatou-se que os medicamentos mais consumidos em situações de automedicação pelos utentes, foram por ordem decrescente de importância, os "analgésicos/antipiréticos" (84,8%), os "anti-inflamatórios" (64,8%), os "xaropes para a tosse" (50,3%), os "antibióticos" (13,3%), os "anti-parasitários" (10,5%), os "tranquilizantes" (9,75%) e os "laxantes" (7,0%). Estes resultados são, também, consistentes com os encontrados por Ribeiro *et al.* (2010).

Dos 366 utentes que responderam à questão acerca da frequência com que praticaram a automedicação no último ano, 40,7% (149) responderam "poucas vezes", 44,8% (164) afirmaram recorrer "algumas vezes", 11,5% (42) asseguraram que a usam "muitas vezes" e, apenas, 3% (11) afirmaram ter recorrido "sempre" a esta prática.

Uma percentagem elevada de inquiridos (88,3%), correspondente a 383 pessoas, afirmou não ter surgido nenhum efeito secundário após ter recorrido à automedicação. Pelo contrário, 11,7% dos utentes disseram já ter sofrido de efeitos secundários. Constatou-se que a maioria dos respondentes, quando se sente mal, deixa de tomar o medicamento (69,8%). No entanto, há utentes (7%) que suspenderam a medicação apenas por alguns dias e reiniciaram a toma assim que se sentiram aliviados. Da totalidade de respondentes que afirmam automedicar-se (365), 86,6%, costumam automedicar-se durante alguns dias e só 1,1% se automedicaram num período superior a 2 semanas.

O *Teste de Mann-Whitney* permitiu identificar diferenças estatisticamente significativas entre os dois géneros no que diz respeito à prática de automedicação para o alívio de cólicas ($p\text{-value} = 0,000$) e de dores musculares ($p\text{-value} = 0,008$). Verificou-se que foram as mulheres que mais, frequentemente, recorreram à automedicação para o alívio de cólicas enquanto que os homens o fizeram para alívio das dores musculares.

O *Teste de Mann-Whitney* permitiu, igualmente, verificar que o recurso à automedicação para o alívio do sintoma nervosismo ($p\text{-value}$

= 0,033) e a duração da prática da automedicação (p -value = 0,041) são estatisticamente diferentes quando se tem em conta as duas classes etárias consideradas. De facto, relativamente ao sintoma nervosismo verificou-se que foram os indivíduos com idades superiores a 52 anos os que mais, frequentemente, recorreram à automedicação. Pelo contrário, verificou-se que o período durante o qual ocorreu a automedicação foi superior nos inquiridos com idades situadas entre os 15 e 52 anos.

Relativamente aos farmacêuticos, foi possível apurar que a classe etária dos 20 a 35 anos era mais representativa (73,7%) com 28 indivíduos e que a classe etária dos 52 e os 67 anos era a menos representativa (5,3%). O estudo revelou que 27 farmacêuticos são do género feminino (71,1%), estando o género masculino representado por 11 indivíduos (28,9%), como pode ver-se na figura 3.

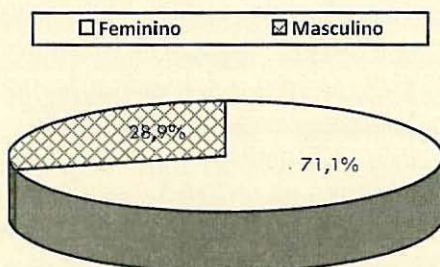


Figura 3 - Distribuição dos Farmacêuticos por género

A maioria dos farmacêuticos (67,6%) considerou que os utentes recorrem "frequentemente" à prática da automedicação, havendo também profissionais que consideraram que os utentes recorrem à automedicação de forma esporádica.

Tabela 2 – Importância dos sintomas que levam o utente a recorrer à Automedicação segundo o farmacêutico

Sintoma	Média ponderada	Ordem
Cefaleia	3,79	2º
Dores Musculares	3,66	4º
Febre	3,50	5º
Dor de Garganta	3,71	3º
Gripe/Constipação	3,87	1º
Cólicas/Dismenorreia	3,32	6º
Mai-estar	2,87	9º
Alergias	3,03	7º
Insónias	2,68	11º
Nervosismo	2,76	10º
Lesões da pele	2,95	8º
Lesões Oraís	2,95	8º

As situações em que o utente mais recorre à prática da automedicação foram, segundo os farmacêuticos, a "gripe/constipação" (3,87), seguindo-se a "cefaleia" (3,79) e a "dor de garganta" (3,71). Na opinião destes profissionais, a prática da automedicação foi menos importante no que diz respeito ao alívio do "nervosismo" (2,76) e das "insónias" (2,68), como pode ver-se na tabela 2.

5. CONCLUSÃO

Para atingir os objectivos propostos para esta investigação procedeu-se à análise da prevalência da automedicação na perspectiva quer do utente quer do farmacêutico. Para além disso, verificou-se a existência de diferenças estatisticamente significativas entre amostras quando factores pessoais, demográficos e sociais são tidos em conta. Desta forma, contribuiu-se para um melhor conhecimento sobre o fenómeno da automedicação na região de Bragança, Portugal.

O estudo do consumo de medicamentos através da administração de questionários aos utentes e farmacêuticos revelou-se muito útil para a caracterização do padrão de utilização e do grau de informação dos consumidores sobre o fenómeno da automedicação. Foi possível concluir que há diferenças estatisticamente significativas na prática da automedicação no que diz respeito ao alívio de cólicas e dores musculares quando o factor género é tido em consideração. De facto, verificou-se que foram as mulheres que mais, frequentemente, recorreram à automedicação para o alívio de cólicas enquanto que os homens o fizeram para alívio das dores musculares.

Por outro lado, verificou-se que o recurso à automedicação para o alívio do sintoma nervosismo e a duração da prática da automedicação é estatisticamente diferente tendo em conta a classe etária do inquirido. Foram os indivíduos com idades superiores a 52 anos que mais, frequentemente, recorreram à automedicação para reduzir o nervosismo. Pelo contrário, o período de duração da automedicação foi superior nos inquiridos com idades situadas entre os 15 e 52 anos.

As situações em que o utente mais recorreu à automedicação, foram por ordem decrescente de importância, a gripe/constipação, a cefaleia e a febre. A perspectiva dos farmacêuticos acerca da automedicação levada a cabo pelos utentes das suas farmácias foi

muito semelhante. De facto, na perspectiva destes profissionais, os utentes recorreram mais à automedicação em situações de gripe/constipação, cefaleia e dor de garganta.

A taxa de prevalência da automedicação no concelho de Bragança é de 91,3%, tendo-se verificado que os medicamentos mais consumidos em situações de automedicação são os analgésicos/antipiréticos e os anti-inflamatórios. Dada a elevada prevalência da automedicação registada neste estudo, será aconselhável uma maior atenção, por parte das entidades competentes, no que diz respeito à dispensa de medicamentos, uma vez que estes não estão isentos de causar efeitos adversos e colaterais. Cabe ainda, mencionar a importância da consciencialização dos profissionais da área de saúde para a necessidade da redução da prática de automedicação por parte da população através da educação para a saúde. Desta forma, a comunidade estaria melhor preparada para fazer face aos riscos e complicações da prática da automedicação. É, pois, fundamental promover a utilização racional dos medicamentos junto dos consumidores e desenvolver e utilizar sistemas eficientes de informação e de comunicação entre os médicos e farmacêuticos, com o objectivo de maximizar os benefícios e reduzir a um mínimo aceitável os riscos inerentes à utilização dos medicamentos.

BIBLIOGRAFIA

- Arrais, Paulo *et al.* (1997); Perfil da Automedicação no Brasil; *Revista de Saúde Pública*, 31: 1; 71-77.
- Damasceno, Dênis *et al.* (2007). Automedicação entre graduandos de Enfermagem, Farmácia e Odontologia da Universidade Federal de Alfenas. *Revista Mineira de Enfermagem*, 11: 1; 48-52.
- Ferraz, Sabrine *et al.* (2008). Comportamento de uma amostra da população urbana de Juiz de Fora – MG perante a automedicação; *HU Revista*, 34: 3; 185-190.
- Haak, Hildebrando (1989); Padrões de consumo de medicamentos em dois povoados da Bahia; *Revista de Saúde Pública*, 23;143-151.
- INE (2008); Anuário estatístico da Região Norte 2007; Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Júnior, Araújo *et al.* (2007); Automedicação em adultos na cidade de Guairacá; *Arquivos Ciências da Saúde*, 11; 2; 83-88.
- Loyola-Filho, Anônio *et al.* (2002); Prevalência e fatores associados à auto-medicação: resultados do projeto Bambuí; *Revista de Saúde Pública*, 36: 1:55-62

Mendes, Zilda *et al.* (2004); Prevalência da Automedicação na população urbana portuguesa; *Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas*, 40; 1; 21-25.

Oliveira, Marina *et al.* (2008); *A Automedicação e os estudantes universitários*, Viseu: Instituto Politécnico de Viseu.

Peixoto, Joana (2008); *Automedicação no Adulto*, Ponte de Lima: Universidade Fernando Pessoa.

Ribeiro, Maria *et al.* (2010); Prevalência da automedicação na população estudantil do Instituto Politécnico de Bragança; *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, 28; 1; 41-48.

Soares, Maria (2005); Automedicação versus Indicação Farmacêutica; *Mundo Farmacêutico*, 18; 5; 16-17.

Vitor, Ricardo *et al.* (2008); Padrão de consumo de medicamentos sem prescrição médica na cidade de Porto Alegre, RS; *Regista Ciência e Saúde Colectiva*, 13; suplemento: 737-743.

WHO (1998); *The Role of the Pharmacist in Self-Care and Self-Medication*, Geneva: World Health Organization.